

Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

IMAGENS DO ARCO-ÍRIS – ARTE, IMAGINÁRIO E SIMBÓLICO

Nayara Gonçalves Clemente (PIC, Fundação Araucária)
Unespar/Campus Curitiba I, nayaraclemente@outlook.com

José Eliézer Mikosz (Orientador)
Unespar/Campus Curitiba I, antar.mikosz@unespar.gov.br

RESUMO: Este trabalho acadêmico consiste em uma busca sucinta da produção artística e simbólica relacionada a imagens de arco-íris realizado através de pesquisa bibliográfica, internet, com levantamento de mitologias, representações visuais e fotografias a respeito do tema, assim como apresentação em congressos e ou simpósio e encontros. Busca estudar o arco-íris como fenômeno atmosférico comum, suas associações dentro de várias culturas da humanidade e suas representações visuais na produção artística. Serão tratados de modo breve: as explicações dentro da física ótica, os estudos de Isaac Newton e relatos de alguns mitos mundiais relacionados ao fenômeno.
Palavras-chave: Arco-íris. Arte e Imaginário.

INTRODUÇÃO

O arco-íris é um fenômeno ótico proporcionado pelo sol e as "nuvens" ou gotículas de água presentes nas nuvens. Ele se forma quando a luz do sol, chamada de luz branca, passa através de gotas esféricas encontradas na chuva e se dispersa formando um arco multicolorido, pois a luz atravessa a gota em quantidades diferentes dependendo da cor ou extensão da onda.¹

O sol está sempre atrás das pessoas quando veem um arco-íris e o centro do arco circular está na direção oposta a do sol. A chuva, naturalmente, está entre o observador e o arco-íris.

O conhecimento da física ótica, estudada primeiro pelos babilônicos, teorizada pela escola de Platão, pesquisada por René Descartes e Isaac Newton e, mais recentemente, por Max Planck e Heinrich Hertz, foi percorrida por inúmeros sábios e muitas das pesquisas de alta complexidade no processo evolutivo acerca das alterações biológicas sofridas pelo indivíduo. Mais de um século separam Leonardo da Vinci e Newton, porém, apesar de viverem em períodos de tecnologias diversas, ambos descobriram pela experiência que a luz branca era fonte de todas as cores do espectro solar (PEDROSA, 2013, p.38).

No pôr do sol o arco-íris apresenta o maior arco, só não é visto um círculo completo porque o horizonte da terra o impede. Quanto mais alto o sol durante o fenômeno, menor será

¹ “Informação obtidas do documentário “Fenômenos Cósmicos” no site: <www.history.com>. Acessado em: 05 Fev. 2015.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

o semicírculo formado. As gotas de chuva possuem vários formatos ao cair, em razão da resistência do ar ou dos ventos. Só as gotas esféricas e de preferência menores (como ao final das chuvas) são as melhores para produzir o fenômeno.



Imagem 01 – FRIEDRICH, Caspar David. **Paisagem de Montanha com arco-íris.**1809-1810.

Oil on canvas, 70 x 102 cm. Museu Folkwang, Essen.

A pintura acima, "Paisagem de Montanha com arco-íris", o centro da imagem ocupa uma alta montanha cujo cume está na intersecção das diagonais do quadro, ambos os lados se deslocando suavemente na linha do horizonte o que divide a imagem proporcionalmente. O arco-íris pálido e o autorretrato do artista dão um sentimento de isolamento e de uma realização de ordem superior, dando ao espectador a experiência de uma poesia universal. (CARRASSAT, 2005. p.180)

O ARCO-ÍRIS: A COR E OS ESTUDOS DE ISAAC NEWTON

As culturas humanas ao longo do seu desenvolvimento buscaram explicações em torno do arco-íris, essas culturas o representaram em imagens.

Para melhor entendimento esclarecemos pontos relevantes para nosso tema como cor-luz e sistema RGB, apontando algumas simbologias das cores como exemplos sobre a sua utilização nas culturas e, do ponto de vista da ciência, como ele se forma, o arco-íris duplo e os estudos de Isaac Newton.

A imagem do arco-íris, além do interesse pela ciência, ganhou influência na arte e na religião. Desde a Grécia Antiga os filósofos observavam o fenômeno, sendo que seus estudos foram o ponto de partida para as primeiras formulações e esclarecimentos sobre tal manifestação ótica.

A tradicional descrição do arco-íris é a de que ele é composto de sete cores. Na verdade o arco-íris é um espectro de cores,² formadas pelas três cores primárias de luz: vermelho (R), verde (G) e azul (B).

² Rudolf Arnheim, em *Arte e percepção visual* afirmam que: A percepção de cor é a mesma para pessoas de diferentes idades, diferentes formações ou diferentes culturas. Excetuando a patologia individual, como o daltonismo, todos têm o mesmo tipo de retina, o mesmo sistema nervoso. É verdade, contudo, que, quando se

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Existem duas formas de se lidar com a cor, e são assim elaborados dois sistemas: um para cores oriundas de corpos que emitiam luz e outro para corpos opacos que refletiam a luz. O sistema que regula as cores dos corpos que emitem luz é conhecido como RGB (Red, Green and Blue em inglês, ou seja, vermelho, verde e azul) e o sistema que regula as cores de corpos opacos é o CMY (*Cyan, Magenta and Yellow* em inglês, ou seja, ciano, magenta e o amarelo). O RGB é também conhecido como sistema de Cor Luz, e trabalha por adição, ou seja, se somarmos as três cores básicas, nas proporções corretas, obteremos a cor branca; O RGB é usado em Fotografia, Cinema, Vídeo, Televisão, Fotografia Digital e na tela dos computadores; já o CMY é empregado para impressão em baixa escala, ou seja, nas impressoras domésticas e também nas artes plásticas (**REVISTA BELAS ARTES:COR LUZ, COR PIGMENTO E OS SISTEMAS RGB E CMY**. São Paulo: Belas artes, v. 3, 15 fev. 2011. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/>>. Acesso em: 29 jul. 2015.)

Cada cor possui uma história, Iris, deusa grega do arco-íris é mensageira de Zeus e de Hera. O termo irizado³ e a íris do olho estão relacionados a ela.

O simbolismo cristão da Idade Média representava as 3 cores do arco-íris da seguinte forma: azul o dilúvio universal, vermelho o cataclismo mundial e o verde a nova terra. Coincidentemente RGB (*red-green-blue*). Cultos religiosos como os de origem africana possuem uma simbologia da cor reveladora do nível mental e do desenvolvimento social do seu meio. (Pedrosa, 2010, p.114). No Brasil, por exemplo, a visão do vermelho está marcada pela fusão do gosto de vários grupos étnicos. (FREYRE apud PEDROSA, 2010, p.121).

Na cultura indiana o arco de Xiva é semelhante ao arco-íris, Indra concede à terra a chuva e o raio, que são os símbolos da Atividade celeste. (COSTA JUNIOR, 2013, pg.81)

A beleza e a ciência complexa do arco-íris o transformaram em lendas. Há uma de origem Irlandesa sobre os Leprechauns, duendes imprevisíveis, que hora estão alegres, hora ficam arredios. Eles escondem um pote de ouro no final do arco-íris.



Imagem 02 – Ilustração de um *leprechaun* Irlandês. Imagem obtida através de http://www.listzblog.com/top_ten_mythological_creatures_monsters_list.html

pede aos observadores que mostrem certas cores do espectro, o resultado varia um pouco. Isto acontece porque o espectro é uma escala móvel, um contínuo de gradações, e também porque as pessoas designam diferentes sensações por meio de diferentes nomes de cor. (ARNHEIM, 1980. p. 322).

³ Diz-se do que possui ou foi colorido com as cores do arco-íris. Que possui ou apresenta as cores do arco-íris; cujos reflexos são coloridos: vidro irizado. Disponível em: <http://www.dicio.com.br>

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar



Imagem 03 – MILLAIS, Sir John Everett. **The Blind Girl**. 1856. Oil on canvas, 33 x 25 pol. Galeria de Arte de, Birmingham.

Os estudos explicam o fenômeno pela ciência, mas, pelo lado artístico, podemos observar como o pintor inglês John Millais (1896), na pintura acima, materializa o sobrenatural. De cores vívidas, com um arco-íris duplo ao fundo que raramente existe na natureza, há um sentimento de admiração onde a figura da menina cega não tem nenhuma concepção da beleza sublime que a rodeia.

Há ainda o arco-íris duplo, onde as cores são invertidas. Dentro da gota de chuva, onde ocorre a difração, às vezes a luz reflete mais de uma vez e quando ela reflete a segunda, ela sai em um ângulo diferente maior (51° graus) e ficará mais fraca, pois, boa parte da luz se perdeu depois da primeira reflexão, porém, parte delas ainda saíra na segunda reflexão.⁴

Isaac Newton (1642 - 1727) está associado às descobertas no campo da óptica, matemática pura, mecânica celeste, leis da gravidade e estudos sobre a luz e cor. Newton dedica-se à análise da natureza da luz, investigando o comportamento dos fenômenos isoladamente. Faz importantes descobertas sobre a luz e a cor, através de um experimento com um prisma de vidro.

SIMBOLISMO E IMAGINÁRIO

Partindo de que física e antropologia tem em comum: o estudo das representações, trataremos de um breve conceito de cultura. As ideias se diferenciam, porém não se contrapõem.

Essas manifestações expressivas e características de todos os povos da terra eram entendidas por [Edward Burnett Tylor](#) como "um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". (TYLOR apud LARAIA, 1986. p.25).

⁴ Informação obtida do documentário "Fenômenos Cósmicos" no site: <www.history.com>. Acessado em: 05 Fev. 2015.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Geertz traz a idéia de que a cultura não é um fenômeno psicológico e que o objetivo é buscar a importância e o que está sendo transmitido nos gestos do comportamento humano, para entender uma parte de uma cultura; e que traz a cultura como sistemas simbólicos, onde a "cultura deve ser considerada não um complexo de comportamentos concretos, mas um conjunto de mecanismos de controle (...) para governar o comportamento". E afirma que "todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos de cultura" (LARAIA, 1987, p.59).

Imaginário seria, portanto, o valor daquilo que está contido individual e coletivamente para dar sentido ao mundo. Durand sobre o imaginário afirma que ele é "o conjunto das relações de imagens que constituem o capital pensado do homo-sapiens" e esclarece que o ser humano é dotado de uma prolongada capacidade de formar símbolos em sua vida sociocultural. "O imaginário, a imaginação, longe de ser epifenômeno,⁵ vulgarmente chamada de "louca da casa" a que a psicologia clássica o reduz é, ao contrário disto, a norma fundamental, a justiça suprema" (DURAND, 1989, pg.14).

ARTE FANTÁSTICA

O movimento conhecido como arte fantástica, conforme escreveu Walter Schurian, psicólogo e estudioso da percepção estética e que abordou uma série de artistas, é um estilo que se popularizou no séc. XX e que abrangeu movimentos como o surrealismo, cubismo e dadaísmo. Schurian entende a Arte Fantástica como um tipo de produção baseada na fantasia e na imaginação do artista:

Como conclusão intermédia, podemos, no entanto, afirmar que não houve "Arte Fantástica" no sentido de um gênero específico de arte histórica ou de um movimento como tal. Contudo, a presença do Fantástico pode ser demonstrada em quase todas as tendências artísticas (SCHURIAN, 2005,p 17).

O artista é o interlocutor nesse processo que com sua sensibilidade de captar a necessidade coletiva gera dentro de si a obra que irá nascer para o mundo. As poderosas forças do inconsciente se manifestam em todas as atividades culturais por meio das quais o homem se expressa.

MITOS MUNDIAIS E CULTURA DA HUMANIDADE

O arco-íris é um fenômeno comum conhecido por todos, no entanto, não há muita referência na literatura aproximando o fenômeno natural de suas associações simbólicas e produção artística

⁵ Fenômeno secundário, que acompanha outro e é considerado causado por ele: *Outrora as epidemias eram um epifenômeno da guerra. 2 Med* Qualquer sintoma ou complicação secundária ou adicional, que sobrevém depois de declarada a doença. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=epifen%F4meno>. Acesso em: 05 Agosto 2015.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

específica. O arco-íris exerce forte ação no imaginário das pessoas, causa admiração e está presente em muitas histórias antigas da humanidade.

Talvez a menção mais conhecida do arco-íris no ocidente seja a bíblica, onde depois do dilúvio Deus o usa como símbolo de um pacto, signo da benevolência Divina (Gênesis 9:11), o “arco da aliança”, entre Ele e a humanidade.

Ponho o meu arco nas nuvens, para que ele seja o sinal da aliança entre mim e a terra. Quando eu tiver coberto o céu de nuvens por cima da terra, o meu arco aparecerá nas nuvens, e me lembrarei da aliança que fiz convosco e com todo ser vivo de toda espécie, e as águas não causarão mais dilúvio que extermine toda criatura. Quando eu vir o arco nas nuvens, eu me lembrarei da aliança eterna estabelecida entre Deus e todos os seres vivos de toda espécie que estão sobre a terra. (BIBLIA, 1957 p.56).

Os povos pré-cristãos consideravam o arco-íris, cujas extremidades parecem tocar o horizonte, como ponte a ligar os deuses e os homens. Justamente em regiões pobres de chuva, o arco-íris era considerado como fenômeno luminoso. De Quzah, o deus das tormentas da Arábia antiga, dizia que dependurou este arco nas nuvens após ter atirado as setas de seus granizos. (LURKER, 1993, pag.14-15)

O sentido original da palavra "arco-íris" no antigo testamento era propriamente o de arco como arma, que depois do dilúvio foi deposta por Deus; assim se diz num escrito apócrifo (" a gruta do tesouro") que aquele que tem o trono no céu afastaria a arca de sua ira do arco que está na nuvem. Em Basílio Magno o arco-íris, com suas três cores fundamentais, indica a Trindade. O laço indestrutível entre o criador e a criatura torna-se também símbolo de Maria: em um antigo hino, ela é chamada “*arcus pulcher aeterni*”. Assim se deve entender o arco-íris na pintura de Matias Grünewald conhecida como "Maria e o filho" aludindo ao Apocalipse, em imagens do juízo final, Jesus aparece sentado em um trono no arco-íris. (LURKER, 1993, pag.14-15).



Imagem 04 – GRÜNEWALD, Matias. **Stuppach Madonna**. 1517/19. Óleo sobre madeira 186 x 150 cm. Parish Church.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Em Personagens do antigo testamento, o arco-íris supõe que se cortem pela raiz as divisões que nós homens fazemos em função de cor, raça ou cultura: a pluralidade do arco-íris, no qual todas as cores se complementam, mas não se anulam; no qual todas juntas, e não separadamente, formam a maravilha do arco de cores traçadas no horizonte e transforma-se assim no sorriso de Deus que mantém a esperança no homem e em memorial de sua infinita paciência. (FRAILE 2002, p.49).

No budismo, do mesmo modo que no cristianismo, serve como “ponte” entre o mundo material e outro de natureza místico, mágico, espiritual. A mitologia nórdica descreve o Caminho oscilante (Bifrost- Escandinávia) como uma ponte entre o céu e a terra. O arco-íris judaico-cristão simboliza a aliança de Deus com a humanidade e, portanto, a paz, e também atua como trono celestial de Cristo.

Essa função quase universal é atestada tanto entre os pigmeus quanto na Polinésia, na Melanésia, no Japão para mencionar apenas culturas extra-européias. Representa no esoterismo islâmico a imagem das qualidades divinas refletidas no universo, pois o arco-íris é a imagem inversa do sol sobre o véu inconsistente da chuva (Jili). As sete cores do arco são assimiladas aos sete céus na Índia e na Mesopotâmia. Segundo o budismo tibetano, as nuvens e o arco-íris simbolizam o Sambogha-kaya (corpo de êxtase espiritual), e sua resolução em chuva, o Nirmana-kaya “corpo de transformação”.(CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 77).

Essa ponte entre os dois mundos pode ser entendida como sendo uma espécie de plano terreno se unindo a um plano espiritual. No Japão, a ponte flutuante do Céu; a escada de sete cores, através da qual o Buda torna a descer do céu. Reencontra-se a mesma ideia desde o Irã até a África, e da América do Norte até a China. No Tibete, o arco-íris não é propriamente a ponte, mas, sim, a alma dos soberanos que se eleva para o céu: o que leva, indiretamente, à noção de Pontifex, lugar de passagem. Existe um elo etimológico e simbólico entre o arco-íris e o céu, cuja designação bretã *kanevedenn* supõe um protótipo celta muito antigo, *kambcnemos* ou curva celeste. O simbolismo reuniria, então, a um só tempo, o de céu e o de ponte. (OGAC, apud CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 77)

As fitas utilizadas pelos xamãs buriatas têm o nome de arco-íris; elas simbolizam, em geral, a ascensão do Xamã ao céu. Os pigmeus da África Central acreditam que Deus lhes mostra seu desejo de estabelecer relações com eles através do arco-íris. O arco-íris é um exemplo de transferência dos atributos do deus urânico à divindade solar. O arco-íris, tido em tantos lugares como epifania urânica, entre os fueguinos, é associado ao Sol, tornando-se o irmão do Sol. Entre os dogons, o arco-íris é considerado como o caminho graças ao qual o Carneiro celeste, que fecunda o sol e urina as chuvas, desce sobre a terra. E o camaleão, por ostentar suas cores, é-lhe aparentado. O arco-íris, sempre conforme a crença dos dogons tem quatro cores: o preto, o vermelho, o amarelo e o verde; são o rasto deixado pelos cascos do Carneiro celeste quando corre (GRIE apud CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 77).

ARCO-ÍRIS E ARTE-VISIONÁRIA

Pablo Amaringo (1943) natural do Peru é um pintor, xamã⁶ e vegetalista.⁷ O arco-íris na crença peruana está associado ao sol e também pode constar como emblema das armas. Foi por influência de Luis Eduardo Luna, que Amaringo expressou de forma pictórica sua experiência com a ayahuasca,⁸. Seu trabalho é visionário, isto é, produz uma arte onde a pessoa que realiza o trabalho obtém inspiração através dos estados não ordinários de consciência (ENOC) que, muitas vezes, traz o conceito de transcendência do mundo físico, visões, misticismo e espiritualidade. É relevante ressaltar que na arte visionária o interesse nela "está principalmente na capacidade e a habilidade do artista em conseguir traduzir e materializar em trabalhos visuais as suas experiências em estados não ordinários de consciência, ou seja, as visões obtidas nesses estados", com ou sem a utilização de enteógenos⁹. (MIKOSZ, 2009, p.26)

Luna e Amaringo publicaram o livro *Ayahuasca Visions: The Religious Iconography of a Peruvian Shaman*, Amaringo criou no Peru uma escola de arte visionária chamada Usko Ayar. Suas pinturas contêm vários elementos como linhas e pontilhados multicoloridos e luminosos, destacando se em fundo escuro, típico das mirações¹⁰ obtidas com a ingestão da Ayahuasca, destacamos aqui suas pinturas contendo arco-íris:



⁶ Sacerdote ou feiticeiro entre várias tribos do Norte da Ásia, com supostos poderes de lidar com os espíritos e proteger-se contra eles. Feiticeiro, curandeiro. (Fonte: Dicionário Michaelis online: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=xam%E3>).

⁷ Vegetalistas são xamãs das províncias amazônicas do Peru que ganham conhecimento e poder de cura a partir de plantas da região.

⁸ Bebida alucinógena preparada com ramos de certas plantas amazônicas.

⁹ Derivada de uma palavra grega em desuso (da mesma raiz de entusiasmo), neologismo vindo do inglês (*entheogen* ou *entheogenic*). O significado literal seria 'manifestação interior do divino'. Seu emprego é relativo à alteração da consciência quando da ingestão de certas substâncias encontradas na natureza (não confundir com alucinógenos). (Fonte: www.dicionarioinformal.com.br).

¹⁰ *Miração* é o termo usado pelos *ayahuasqueiros* de maneira geral dentro das religiões brasileiras como a União do Vegetal, o Santo Daime e a Barquinha. Para não usar o termo alucinação, optou-se simplesmente por *miração*. É possível que *miração* venha do espanhol *mirar*, que significa ver, olhar. Foi usada a palavra *miração* principalmente quando as experiências estão associadas à *ayahuasca*. (MIKOSZ, 2009, p.7).

**Encontro Anual de Iniciação Científica
da Unespar**



Imagem 05 – AMARINGO, P. 1993. **Ayahuasca visions**. Berkeley: North Atlantic Books.

Muitas tradições equiparam os arco-íris com as cobras (as serpentes arco-íris dos aborígenes australianos são símbolo da água). Na Ásia Oriental, a serpente é a naja, saída do mundo subterrâneo. Esse simbolismo (que se reencontra na África e talvez, observa Guénon, na Grécia, pois o arco era representado na armadura de Agamenon por três serpentes) está em relação com as correntes cósmicas que se desenvolvem entre o céu e a terra. A escada arco-íris do Buda tem, à guisa de montantes, duas najas. Entre os pigmeus, ele é a perigosa serpente do céu, uma espécie de arco solar formado por duas serpentes soldadas juntas. Entre os semangues,¹¹ o arco-íris é uma serpente píton. De vez em quando, ela desliza para o firmamento, onde vai tomar banho. Nesse momento, brilha com todas as cores. Quando despeja a água de seu banho, esta cai sobre a terra como a chuva do sol, uma água extremamente perigosa para os humanos. (GRIE apud CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 78)

É possível encontrar o mesmo simbolismo em Angkor (região do Camboja que serviu como sede do Império Khmer), onde as calçadas de pedra, ladeadas por balaustradas-naja, são imagens do arco-íris; o que em Angkor-Thom é confirmado pela presença de Indra em sua extremidade. É preciso acrescentar que em Angkor a mesma ideia parece exprimir-se bem nas portas do céu, sem dúvida onde de novo se encontra Indra e o makara¹² esmagando duas najas. O arco com o makara simboliza, de maneira muito geral, o arco-íris e a chuva celeste. As lendas chinesas narram a metamorfose de um Imortal em arco-íris, enroscado como uma serpente. Ainda a esse propósito, assinalemos que existem no mínimo cinco caracteres para designar o arco-íris e que todos contêm o radical hoei, que é o da serpente. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 78)

¹¹ Nome dado ao grupo formado pelo conjunto dos habitantes da península de Malaca.

¹² Na mitologia Hindu, Varuna surge montado no makara, que seria um monstro marinho que se assemelha a uma mistura de golfinho e jacaré. É um símbolo que corresponde ao elemento água. Chamado por alguns de dragão das águas. No zodíaco indiano corresponde ao signo de capricórnio e está associado ao solstício de inverno. Sua imensa goela, sua *fama de glutão*, e seu aspecto de parecer ora golfinho, ora crocodilo, lhe originaram a ideia de ser porta da libertação ou da morte, salvador ou devorador. Um outro detalhe é que os brincos que **Vixenu** usa, são *makara* e representariam, cada um deles, os conhecimentos intelectual e intuitivo. Disponível em: www.significadodossimbolos.com

O ARCO-ÍRIS E A CONTEMPORANEIDADE

No campo das artes, os movimentos estiveram sempre presentes, e o último deles foi o pós-modernismo e em seguida o que vem sendo produzido até os dias atuais, séculos XX e XXI. A arte proporciona cada vez mais ao público e mídia interesses, bem como lugares aonde ir como novos museus e galerias, despertando atenção e imaginação do público pelo mundo.

A seguir apresentamos alguns trabalhos pós-modernos e contemporâneos onde o arco-íris foi utilizado através de instalação, na arquitetura ou de forma conceitual em obras.



Imagem 06 – GERHARD Richter, **Arco-Iris**. 1970. Óleo sobre tela 50 cm x 55 cm. Catalogue Raisonné: 261-2

Podemos observar que a textura que Richter, pintura acima, usa em diferentes superfícies sugere um efeito desfocado típico da fotografia, toda a tela recebe o mesmo tratamento pictórico, é como se a obra original tivesse sido fotografada fora de foco e que a imagem gerada tivesse sido usada como modelo, criando uma uniformidade. O conceito de aura estabelecido por Benjamin fica evidente nesta pintura de Richter, pois o que a torna excepcional não é capturado pela fotografia, é necessária a presença da obra para que seu coeficiente artístico se revele. (PELLEGRIN e GOMES, 2009, p. 18).



Imagem 07 – COOKE, Nigel. **Smile for the Monkey Man**, 2001-2002. Óleo sobre tela, 183 x 244 cm. detail). Courtesy Modern Art London.



Imagem 08 – COOKE, Nigel: **Smile for the Monkey Man**. 2001-2 (detail) Courtesy Modern Art London.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Cooke pintou “ Smile for the Monkey Man” (Sorria para o Homem Macaco) nesta obra, da terra/calçada novamente povoada por cabeças decepadas minúsculas e árvores desfolhadas, brota um arco-íris. O muro/céu é povoado por minúsculas janelas, de onde pende uma rede de cordas com homens macacos dependurados. Ali se encontra a representação de algumas fendas estreitas que nos levam a outro ambiente, um extenso panorama com construções que sugere ter sido construídas pelo homem. Segundo Gallagher (2004, p. 22), isso poderia ser um “complexo penal ou uma cidade futurística”. O arco-íris, que simboliza promessa, é um elemento que liga a parte de cima “potencialmente cômica” e a carnificina de cabeças cortadas logo abaixo. (WITECK apud GALLAGHER, 2012,p.7)



Imagem 09 – MCKEAN, Michael Jones. **Certain principles of light and shapes between forms.**

Certos princípios de luz e formas entre as formas, Centro Benis de Arte contemporânea, Omaha, Nebraska, 2012. Michael Jones McKeen cria instalações de arco-íris criado artificialmente com uma máquina de sua invenção, vaporizadora de água criando assim o efeito de arco-íris.



Imagem 10

As imagens acima são do artista Olafur Eliasson. Em 2011 criou "Seu panorama do arco-íris" para o museu de arte dinamarquês ARoS Aarhus Kunstmuseum. A obra pragmática, sólida, mas ao mesmo tempo fala sobre sonhos e imaginação é uma das maiores obras da coleção do museu. O artista já havia feito outros arco-íris em outras situações. Ele afirma que:

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Seu panorama do arco-íris estabelece um diálogo com a arquitetura existente e reforça o que já estava lá, isto é a vista sobre a cidade. Ele criou um espaço que quase pode ser dito para apagar a fronteira entre interior e exterior, um lugar onde você se torna um pouco incerto se você pisou em uma obra de arte ou em parte do museu. Esta incerteza é importante para ele, uma vez que incentiva as pessoas a pensar e sentir para além dos limites dentro dos quais eles estão acostumados a funcionar. (ELIASSON, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos principais deste trabalho foi mostrar como é visto o arco-íris tanto pelo lado da ciência como também sua influência no imaginário humano e sua expressão na arte. Fechou-se este artigo na esperança de haver fornecido elementos para a compreensão desse fenômeno da natureza através de conceitos e relações que a ciência fornece, juntamente com abordagens das artes e, sucintamente, na cultura de alguns povos.

REFERÊNCIAS

- ARNHEIM, Rudolf. **Arte & percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: EDUSP, 1980.
- ASSOUN, Paul-Laurent. **L'enfant père de l'homme**. In: _____. *Penser/Rêver: le fait de l'analyse. L'enfant dans l'homme*. Paris: Mercure de France, 2002. p. 89
- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução dos originais, mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave Maria Ltda. 1957. 24ª edição.
- CARRASSAT, P. F. R. **Maestros de la pintura**, Spes Editorial, SL, 2005, p. 180.
- CEMOROC EDF-FEUSP: **Rábano Mauro e o Significado Místico dos Números**. São Paulo: Editora Mandruvá, 2001. Bimestral. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur23/jean.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2015.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- COSTA JUNIOR, J. M. **A efetividade da acupuntura no tratamento do estresse**. Revista Paraense de Medicina, Belém, V.27, p. 79-84, 2013. Disponível em :<<http://files.bvs.br/upload/S/0101-5907/2013/v27n4/a4081.pdf>>. Acesso em 11/08/2015.
- COSTA, Antonio Carlos da. **Laboratório de Ensino de Óptica: Instituto de Física. UNICAMP**. 1989. Disponível em: <<http://sites.ifi.unicamp.br>>. Acesso em: 22 jun. 2015.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad.: Hélder Godinho. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

**Encontro Anual de Iniciação Científica
da Unespar**

- FOGAZZI, S. V. **DA PINTURA E DA COR: FILOSOFIA**. ANPAP - Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas. Jornal da Anpap. Porto Alegre, p. 2517-2530. 20 out. 2013. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br>>. Acesso em: 21 jul. 2015.
- FRAILE, Pedro Ignacio et al. **Noé: a pluralidade do arco-íris**. In: FLECHA, J. Alegre Aragués - J. R. et al (Org.). Personagens do Antigo Testamento: Volume 1. São Paulo: Loyola, 2002. Cap. 3, p. 49,50,51. Tradução de: Alda da Anunciação. Disponível em: <http://books.google.com.br>
- GALLAGHER, Ann. **Still life/natureza-morta**. Londres: British Council, 2004.
- GARCIA, Osmar Arruda. No final do arco-íris: leprechauns e potes de ouro. A parada LGBT de São Paulo: a visibilidade e a contrapartida para uma igualdade de gênero. 2009. 42 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/119212>>.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIBSON, Clare. **Como compreender símbolos**. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2012.
- GOMES, Tiago Carneiro; GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini Di; RABONI, Paulo César de Almeida. **Física e pintura: dimensões de uma relação e suas potencialidades no ensino de física**. Rev. Bras. Ensino Fís., São Paulo, v. 33, n. 4, p. 4314, Dec. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. access on 21 July 2015.
- HISTORY Channel - **Fenômenos cósmicos**. Direção de Arthur Drooker. Produção de Vincent Lopez. Estados Unidos: Flight 33 Productions, 2008. P&B. Série O universo - 3ª temporada episódio 12. Disponível em: <www.history.com>. Acesso em: 05 fev. 2015.
- JOHN EVERETT MILLAIS'S (Ed.). **The Blind Girl: Whitney May** '06, English/History of Art 151, Pre-Raphaelites, Aesthetes, and Decadents. 2004. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org>>. Acesso em: 21 maio 2015.
- KOCK Joseph Anton. **Heroic Landscape with Rainbow**. 1824. Oil on canvas, 109 x 96 cm. Metropolitan Museum of Art, New York. Disponível em: <<http://www.wga.hu/index1.html>>
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Zahar. Rio de Janeiro, 1986.
- LIMA, J. L.; ZACCARA, M. de F. P. **A busca pela essência do espaço através de um universo metafísico na obra de Ivan Freitas**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS PANORAMA DA PESQUISA EM ARTES VISUAIS, 08. 2008, Pernambuco. Anais. Florianópolis: Anpap, 2008. p. 423 - 433. Disponível em: <<http://anpap.org.br/anais/2008/artigos/040.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2015.
- LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e Símbolos Bíblicos**. ed. São Paulo: Paulus, 1993. p.14-15.
- MAIA, Denise Diniz. **Perspectivas psicológicas de Jung sobre as ciências e a arte**. 2014. Disponível em: <ijust.org.br>. Acesso em: 04/08/2015.

**Encontro Anual de Iniciação Científica
da Unespar**

MARTINS, Roberto de Andrade; SILVA, Cibelle Celestino (Org.). **A "Nova Teoria sobre Luz e Cores" de Isaac Newton**: uma tradução comentada. Revista Brasileira de Ensino de Física, [s. L.], v. 18, n. 4, p.313-327, 4 dez. 1996. Quadrimestral.

MIKOSZ, José Eliézer. **A Arte Visionária E A Ayahuasca**: Representações Visuais De Espirais E Vórtices Inspiradas Nos Estados Não Ordinários De Consciência (Enoc). Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2009. p. 316. Tese (Doutorado) - Programa De Pós-Graduação Interdisciplinar Em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. 10. ed. Rio de Janeiro: Senac Editoras, 2010. 256 p.

PELLEGRIN, Ricardo de; GOMES, Paulo César Ribeiro. **FOTOGRAFIA E PINTURA: ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO NA VISUALIDADE CONTEMPORÂNEA**. 2009. 22 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2009. Disponível

em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/viewFile/15/11>>. Acesso em: 04 ago. 2015.

REVISTA BELAS ARTES: COR LUZ, COR PIGMENTO E OS SISTEMAS RGB E CMY. São Paulo: Belas artes, v. 3, 15 fev. 2011. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

REVISTA ORACULA: OS CAVALEIROS APOCALIPTICOS. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, v. 4, n. 7, 4 jul. 2008. Disponível em: <www.oracula.com.br>. Acesso em: 31 maio 2015.

SCHURIAN, Walter. **Arte Fantástica**. Köln: Taschen, 2005.

TEIXEIRA, Antonio Claudio. **A vanguarda conservadora**: aspectos políticos e simbólicos do movimento LGBT. Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da Puc-rio, Rio de Janeiro, n. 7, p.63-80, dez. 2010. Semestral. Disponível em: <http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/media/artigo3_7.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2015.

WITECK, Ma. Ana Paula G.; MOREIRA, Dr. Altamir. **Vanitas na arte contemporânea: um estudo iconográfico de obras de Nigel Cooke e Luis Zerbini**. 2012. 25 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Visuais, Ufsm/ppgart, Porto Alegre, 2012. Disponível em <http://periodicos.ufpel.edu.br>. Acesso em: 21 jun. 2015.

WORDSWORTH, William. Poesia selecionada. Tradução de Paulo Vizioli. São Paulo: Mandacaru, 1988.

REFERÊNCIAS IMAGENS

CHURCH, Frederic Edwin. **Niagara**. Óleo sobre Tela, 1857. Corcoran Collection.

**Encontro Anual de Iniciação Científica
da Unespar**

- DUBOSSARSKY, Vladimir; VINOGRADOV, Alexander (Org.). **Artista Plástico**. 2009. Disponível em: <<http://www.dubossarskyvinogradov.com/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.
- ELIASSON, Olafur. Your rainbow panorama: ARoS Aarhus Kunstmuseum. 2011. Disponível em: <<http://en.aros.dk/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.
- FREITAS, Ivan. **Arco-Íris**. Óleo sobre Tela. 1983. Dim.: 70 x 90 cm
- FRIEDRICH, C. D. **Paisagem de Montanha com arco-íris**. Óleo sobre Tela. 70x 102 cm. Museu Folkwang, Essen.
- FRIZE, Bernard. **Visibi**. 2001. Disponível em: <<http://www.bernardfrize.com/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.
- GOLDSWORTHY A. Rainbow splash ,1980. Fonte: Andy Goldsworthy Digital Cata logue. Disponível em:<<http://www.goldsworthy.cc.gla.ac.uk.>> Acesso em 04 agost. 2015
- GRÜNEWALD MatÍas..**Stuppach Madonna**. 1517-19. Óleo sobre tela motada sob Madeira. 186 x 150 cm. Disponível em: <http://www.wga.hu/index1.html>.
- KOCK Joseph Anton.**Heroic Landscape with Rainbow**. 1824. Óleo sobre tela, 109 x 96 cm. Metropolitan Museum of Art, New York
- LUNA, L. E. e AMARINGO, P. 1993. **Ayahuasca visions**. Berkeley: North Atlantic Books.
- MCKEAN, Michael Jones. 2012 certain principles of light and shapes between forms. 2012. Disponível em: <<http://michaeljonesmckean.com>>. Acesso em: 10 ago. 2015.
- MILLAIS, Sir John Everett.**The Blind Girl**. 1856. Oil on canvas, 33 x 25 cm.City Art Gallery,Birmingham <http://www.wga.hu/frames-e.html?/bio/m/millais/biograph.html>.
- NIGEL C. **Smile for the Monkey Man**, 2001-2002. Óleo sobre tela, 183 x 244 cm. Courtesy Modern Art London.
- RICHTER, Gerhard et al. **Rainbow**. Gerhard Richter: Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Italy. 1999. Disponível em: <<https://www.gerhard-richter.com>>. Acesso em: 02 fev. 2015.
- WISLON, Mark. **Direitos LGBT 2015**. 1 fotografia, color. Disponível em: <www.cartacapital.com.br>. Acesso em: 28/06/2015.